

SUPLEMENTO  
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Lf.лт.º

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

# ELE É PÃO!?

(Para uma «reprise» da revista *O Novo Mundo*).



ZÉ POVÃO:

Ha quem diga que o pão é de pau  
 Ou de pez, á saída do forno;  
 Mas tão duro, tão rijo, tão mau  
 Não é pau nem é pez: é de... torno

## PALESTRA AMENA

## Grellos, batatas, etc.

Em boa hora o digamos, estamos ainda com as costelas inteiras, ao contrario do que muita gente nossa amiga desejaria; e devemos tal integridade a dois factos, principalmente, quais sejam: 1.º, o não sermos merceiros; 2.º, o não termos atacado nenhuma merceria.

Qualquer das profissões, a de merceiro e a de atacante, é simpática, sem rebuço o dizemos; mas ambas são perigosíssimas, de modo que são poucos todos os louvores que damos á divina providencia, ou lá a quem é, por nos ter inspirado o tomar por outra direção no caminho da vida, embora menos lucrativa do que as seguidas por aqueles dois grupos de cidadãos. Somos, apenas, colaboradores do *Seculo Comico*, missão gloriosissima, sem duvida e tambem de largos proventos, mas certamente não passaremos á historia universal com a aureola do martirio nem seremos citados, no futuro, como heroes da guerra das batatas.

Porque foi a «guerra das batatas» a que se travou ultimamente entre nós; o conflito já se tinha esboçado com uma ligeira escaramuça dos grelos, na praça da Figueira, acentuara-se com uns leves desaguizados do assucar a quatrocentos e vinte, tomara corpo com a luta entre o pão de luxo e o pão de lixo, para estalar, por fim, quando as batatas n'um dia passaram de tres e meio a doze vintens.

Bem. Tudo acabou com satisfação geral, dando-se o milagre de após os primeiros combates a batata reaparecer em gloriosa abundancia nas mercearias que a não tinham; alguns gestos energicos fizeram o prodigio em poucas horas, desfazendo a preocupação de que Portugal tinha perdido a sua antiga fama de paiz batateiro. Não; continúa a sê-lo, para honra de todos nós.

Mas quem nos diz que amanhã se não repete o caso com as cebolas, com os alhos, o cravo de cabecinha, o tremço saloio, a aborora menina ou já mulher feita, etc., etc? Ora é isso o que tememos. Resignámo-nos emquanto pudemos, isto é, emquanto a mostarda não chegou ao nariz do portuguezinho, que dá o diabo á cardada quando o não deixam dormir á vontadinha e faz todo o possivel para afastar o momento de lhe chegar a mostarda ao preguiçoso nariz.

Mas uma vez com a venta a arder, porque a mostarda deixa pósinhos pegados á pituitaria por muito tempo, receamos que qualquer outro tempero que falte repentinamente no mercado nos leve aos extremos que se viram.

Depois vem o remedio, é claro; a acalmção decreta-se no dia seguinte, isto é, applica-se o necessario medicamento. Mas como este é caustico, como o medico não é de meias medidas e tem a mão pouco leve, o enfermo pincha com o tratamento e só vem a socegar á força de maçagens, acontecendo não raras vezes que a cura doe mais do que a enfermidade.

Emfim, desta escapámos nós—em boa hora o digamos e o diabo seja surdo.

J. Neutral.

## Bela rapaziada!

Vamos dar um alegrão aos leitores. Tendo a *Illustração Portuguesa* publicado copia de uma fotografia tirada em França, em que se viam em grupo os srs. Barjona de Freitas, chefe da estação postal, padre Avelino de Figueiredo e Julio Rodrigues da Costa, acabamos de receber a seguinte carta, da qual se depreende a bela disposição da nossa heroica gente:

«França, 16 de maio de 1917—Ex.º Sr. nosso camarada.—Os abaixo assinados, officiaes acidos de infantaria 23, com uma ida ao front, tendo visto na *Illustração Portuguesa* de 7-5-1911 um grupo em que v. ex.ª figura de capacidade de trincheiras na cabeça, vem por este meio intimar v. ex.ª a tirar o capacete. Caso contrario os signatarios fotografar-se-hão de carrimbo de correio na mão. De caminho rogo a v. ex.ª a fineza de não demorar as encomendas



postaes.—De v. ex.ª—At.ºs Ven. res e Obr. os.—André Brun, cap.—Antonio Teixeira, cap.—Augusto Casimiro, ten.—Barros Bastos, ten.—Abel Malhou Zuniga, ten.—José Augusto da Cruz, alf. de inf. 23.—Diamantino Antonio do Amaral, alf. do 23.—Mario Afonso de Carvalho, alf. intendente, Antonio Areosa Correia da Cruz, alf.—Manuel de Jesus Magalhães, alf. de inf. 23.—Amilcar Sarmiento Osorio, alf. de inf. 23.—Abel Batista da Silva, a f.—J: de Castro Silva, alf. medico.—José de Moura Neves, alf. medico.—Manuel Afonso Paes Gomes, alf.—Antonio Alberto dos Santos Mota, alf.—José Luciano de Vilhena Pereira, alf.—Anibal Pereira Lopes Rocha, alf.—Sebastião Carlos Ferreira Lobo, alf.—Antonio Alves Teixeira Lorga, alf.—P. S.—V. ex.ª repartirá esta carta com o nosso camarada Julio Rodrigues da Costa, dignissimo livre pensador e estimado revolucionario republicano. O nosso capelão Avelino de Figueiredo que trate de requerer para ir á 1.ª linha ou abrimos todos corêa...—Em campanha, 16 de maio de 1917.»

## Atraz d'um pão

Oração, para se resar ao deitar da cama:

«Padre e senhor nosso, Antonio Maria da Silva, que estais de vez em quan-

do na direção geral dos correios e telegrafos, santificado seja o vosso nome, venha a nós a vossa democracia, seja feita a vossa vontade assim na dita direção geral como no ministerio do trabalho, mas—com mil raios—man-



dai-nos entregar o pão nosso que está na repartição das encomendas postais ha quinze dias e perdoai-nos as pragas que vos rogamos, assim como nós perdoamos as que nos tendes rogado ao lêr as nossas biscoas, e não nos deixeis cair, senhor, na tentação de um dia ir ao vosso gabinete para vos dar com uma brôa na cara. Amen.»

## Oculo de vêr ao longe

Os dianhos dos nossos irmãos da banda do nascente teem, para vêr os acontecimentos portuguezes um oculo cujas lentes são maravilhosas: se lhes dissermos que aumentam duas ou tres milhoes de vezes a imagem ainda ficamos áquem da verdade.

A proposito da revolta da batata—designação com que hão-de passar á historia os ultimos disturbios—escrevem elles que o Tejo se coalhou de cadaveres, que nas ruas de Lisboa correram rios de sangue, que o dr. Bernardino Machado apanhou com um



pão de quilo na cabeça, que um vulcão levou pelos ares o castelo de S. Jorge, etc.

Qu: a coisa foi fosforica, não ha duvida nenhuma; mas que «o Guadiana não voltou atraz as ondas, de medroso» como quando deu sinal a trombeta castelhana, horrendo, fero, inparte e temeroso—isso tambem é verdade.

Foi uma zaragata em familia, como as que elles por lá teem tido muitas vezes, sem reparo de maior da nossa gente, provavelmente porque temos a vista clara e não precisamos dos tais oculos de alcance.

## A bandeira errante

O kaiser acaba de ordenar, em proclamação ás suas tropas, que em poucos dias cravem na capital da Rússia a bandeira alemã.

As tropas ouviram, meteram pés ao caminho, e lá partiram de bandeira ao hombro, aquella mesmo que o kaiser lhes tinha mandado, em tempo, que fossem cravar em Paris, vendo-se eles obrigados n'essa ocasião a arripiar caminho.

Estamos a vêr que lhes acontece agora infelicidade identica e que o kaiser, aproveitando pela terceira vez o discurso, lhes ordena que se dirijam a Londres e arvorem a dita bandeira na terra dos gaiteiros.

E como d'essa vez ainda não é provavel que os desejos do cavalheiro sejam satisfeitos, aí temos nós os pobres boches a calcuiriar o mundo, sem saberem onde hão de pôr a bandeirinha. Em Palmela é que ficava muito bem, se nós deixássemos.

## Titulos de revista

Todas as pessoas que tem escrito revistas de ano, para teatro, e são elas tres quartas partes da população total de Portugal e ilhas adjacentes, sabem a dificuldade que ha em encontrar um bom titulo para essas peças, tanto que já appareceu quem se lembrasse de fazer um dicionario apropriado, á semelhança do que se tem feito com as rimas, sinonimos, etc. Lêmos o projeto:



«A's duas por tres», «Em pó de gato», «Lume no olho», «Bico ou cabeça», «Pés pelas mãos»—e outros titulos, enchem quatrocentas paginas, que vão ser apreciadissimas, pelo que pouparam em trabalho aos srs. revisteiros.

—Que temos nós com isso? perguntarão.

Teem, porque nem toda a gente conhece a historia do ovo de Colombo e o nosso Eduardo Schwalbach, feliz autor da revista a que deu esse nome, tem-se visto atrapalhado para explicar o caso ás pessoas que ainda não foram á Trindade—e que poucas serão.

Um dia d'estes, quando teve de adiar a sua festa da 50.<sup>a</sup>, em vista da suspensão de garantias, foi interrogado por um ignorante:

—O' sr. Schwalbach: porque é que chamou «Ovo de Colombo» á sua revista?

O eminente humorista:

—Para ter ensejo de dizer agora uma coisa engraçada.

## EM FOCO



### Nun'Alvares Pereira

Alberto Sousa, artista na pintura, Mario Salgueiro, artista n'outra via, Juntaram suas artes certo dia Em tarefa d'apreço, forte e pura.

Quem não conhece a altissima figura Do grande «Condestabre» santa e fria, Graças aos dois artistas a avalia N'uma pequena e esplendida brochura.

Por mim—confesso aqui o meu pecado, Ou, por outras palavras, sacrilegio— Nunca lhe tendo sido apresentado.

Mal conhecia o seu perfil egregio, Mas por causa do livro mencionado Julgo que andei com ele no collegio!

Belmiro.

—Que é? que é?

—Que estou com o ovo atravessado.

O caso é que nunca se viu um ovo que desse tantos pintos!

## livros, livrinhos e livrecos

*Fernão de Magalhães*, escritos litterarios e politicos de J. M. Latino Coelho, coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela.—Excelente serviço se presta com esta publicação, abrindo com um trabalho digno do eminente e quasi esquecido escritor Latino Coelho. *Fernão de Magalhães* é prefaciado por Julio Dantas, o que representa mais um encantamento para o leitor, e outros documentos interessantissimos antecedem a obra, como uma carta autobiografica e um *Perfil de Latino Coelho*, devido á pena de Bulhão Pato. E' difficil juntar tantos elementos de valor u'um só volume.

*Catalogo Comico*, por Francisco Valença e Carlos Simões.—E' duplicado o prazer que todos os anos nos proporciona a exposição de belas artes, na rua Barata Salgueiro: a par da exposição apparece-nos sempre o comentario humoristico em que a prosa alegre de Carlos Simões acompanha as *charges* aos quadros, pelo illustre caricaturista Francisco Valença. E' claro que só o que tem merito merece parodia—conforme o barão de Roussado disse a proposito de *D. Jaime*. Assim o caricaturista não só não quer desvalorisar os quadros, mas mais os salienta com o seu lapis de inconfundivel alegria.

*Nun' Alvares*, iconografia portuguesa, organizada por Alberto de Sousa e Mario Salgueiro.—Eis uma iniciativa de que não ha a dizer senão bem e pena é que as exiguas dimensões d'este semanario — provisórias, felizmente — nos não permitam dar a desenvolvida

noticia que essas 37 paginas merecem. Só 37? Sim, mas é o caso de se dizer que os livros não se medem pelo numero de paginas, como os homens não se medem aos palmos.

*Lucita, a cigana*, por Carlos Negrão.—E' um poemeto sentido, cantando os tristes amores d'uma cigana e d'um principe. Agradou-nos a leitura.

*Cantigas*, de Bramão de Almeida.—Os ultimos serão os primeiros: reservamo-nos para dar noticia d'esta bellissima obra, quando para isso dispuzermos de espaço sufficiente.

## Dadivas

Outro ministro portuguez condecorado: o sr. Norton de Matos, pelo rei de Inglaterra.

Estamos já a ouvir as *piadas* sobre o caso, mas como as que incidiram sobre o sr. Afonso Costa, nada mais tolo e descabido. Os reis dão o que tem ou julgam ter de mais valor e, por taes factos só se lhes devem agradecimentos.

O demonio, porém, é quando algum monarca vier de visita a Portugal; que se lhes ha de oferecer equivalente ás condecorações?

Estamos já a vêr o sr. presidente da Republica de então a presentear D. Afonso XIII com um fato de bom cheviote nacional e Jorge V com um gabbão de Aveiro...

## Macho ou fêmea?

Levantou-se uma importante questão litterar o-recreativa entre os escritores srs. Joaquim Leitão e Afonso Lopes Vieira, porque este tratou em verso «o mar» por «la mar».

O que faltava é que um poeta não tivesse a liberdade de mudar o sexo ás coisas!

## Obras primas

Chamam a nossa atenção para dois riquissimos *sonetos* publicados na folha funchalense *Diario da Madeira*, de 18 de abril. Ficámos realmente assaralhopados e lamentamos não poder transmitir ao leitor senão metade do jubilo que sentimos—isto é, apenas um dos sonetos, porque para mais não ha cabidela.

«Lá quando eu voar pelo espaço, Em gazes, já desfeito o organismo, Que os genios da justiça, e do civismo, Se recordem dos esforços que inda faço.

Alem a imprevidencia ha estropeado O mais lindo ideal que bel projuzido, Aquem a imprevidencia ha tentado Estropear-me outro ideal, n'outro sentido.

Melhor fôra imprevidente haver nascido! Porque excentrico me não creram as multidoes, Quando lhes indico um bem que hei presenteido.

Mas após esta vem as novas gerações, A quem deixarei meu ideal esclarecido. Em materia das locaes lomoçoções.

IZIDRO GONSALVES.

Bonita obra.



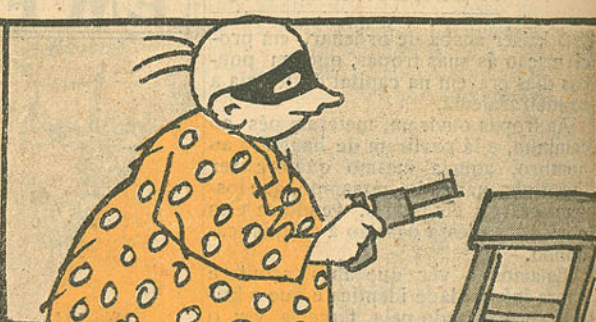
# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

4.<sup>a</sup> PARTE

MANECAS CONTRA MANECAS

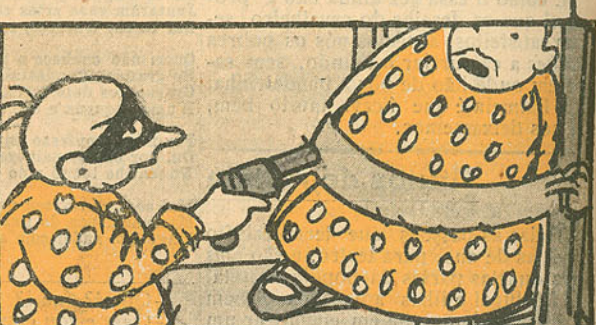
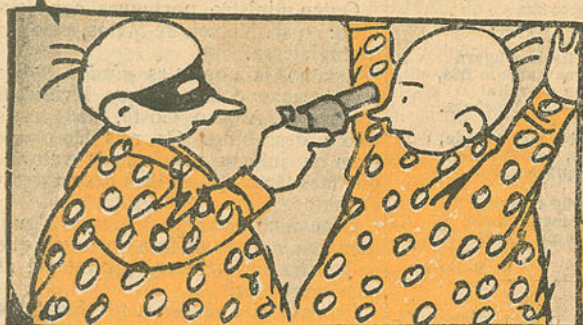
1.<sup>o</sup> EPISÓDIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—Como se sabe, o Manecas tinha telefonado ao Nariz de Folha. Espera-o, espreitando por um buraco da sua invenção.

2.—Eis o homem. Manecas abre a porta e vê com assombro que o recém-vindo é outro Manecas.



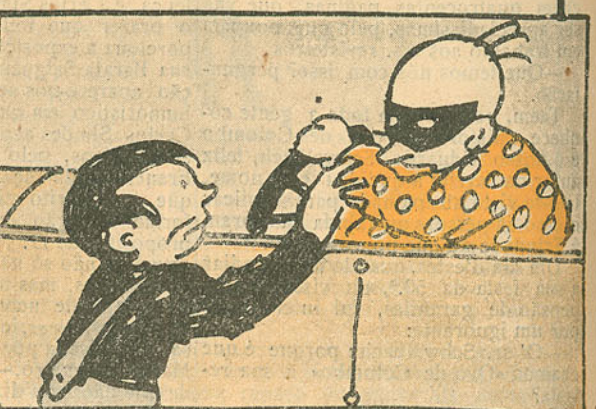
3.—o qual lhe aponta um horríplante revólver.

4.—Apesar da sua provada coragem, Manecas recua e de súbito, junto à parede, é abraçado por uma forte mola de aço!



5.—O falso Manecas, que era o próprio Nariz de Folha, mete-se sem perda de tempo n'um automóvel.

6.—O Quim, de longe, avista o automóvel, vê as pintinhas do fato, julga que é realmente o Manecas e chama-o



7.—enquanto o verdadeiro Manecas geme desesperado, debatendo-se em vão contra a mola que o amola.

8.—Sem a menor desconfiança o Quim sobe para o automóvel, mal supondo que está de novo nas unhas do Nariz de Folha.

(CONTINUA).